

direito à rebelião

briga

1.- O papel da mocidade na sociedade e na revolução

A mocidade é um sector social que se define apenas pela sua qualidade etária, isto é, reconhece-se como jovem aquele indivíduo que se acha dentro de um determinado arco de idades que é intermédio entre a infância e a etapa adulta. Este arco sofre pequenas modificações ao longo da história e conforme as diferentes formações sociais, mas pelo geral nas sociedades do centro da economia-mundo capitalista entende-se como jovem aquele indivíduo que tem uma idade que oscila entre os 14 e os 29 anos. A ampliação por cima ou por baixo do arco depende de factores colectivos, como a esperança de vida, ou individuais, como por exemplo o ter atingido mais cedo do normal a independência económica do núcleo familiar; mas a incidência destas questões fica fora do nosso interesse generalizador neste momento.

Assim a pertença a este sector social é indiferente da origem de classe, identidade sexual ou adscrição nacional, apresentando-se no seu seio as mesmas contradições que caracterizam a sociedade própria do modo de produção capitalista. Ser jovem não implica pois uma determinada posição na luta de classes, que vem condicionada pela extração social do indivíduo de acordo à posição que ocupa no processo produtivo seja como elemento activo ou como dependente ou em outras palavras, seja como trabalhador/a ou burguês ou como filh@s da classe trabalhadora ou da burguesia.

Este facto invalida as teorias idealistas que identificam a mocidade como um sujeito revolucionário em si, já que a realidade contraditória que faz que no seio da mocidade existam exploradores e explorad@s, para além do facto objectivo de que a mocidade é um período transitório na vida das pessoas, impossibilita que este sector social possa desenvolver em exclusiva uma actividade política da qual se derive a edificação de um sistema social alternativo ao existente.

Porém, ainda que todo o anterior ponha de manifesto a impossibilidade da acção da mocidade em solitário e como colectivo homogéneo, não é menos certo que determinadas características que acompanham esta fase vital tivessem e tenham uma especial relevância no desenvolvimento dos movimentos revolucionários ao longo da história da humanidade.

A mocidade é por definição o relevo mais imediato dos efectivos sociais em activo numa determinada época, tanto pelo que corresponde à ampla massa d@s explorad@s quanto ao reduzido número dos exploradores. As condições físicas e psicológicas próprias desta etapa vital do ser humano caracterizam-se pela predisposição para a acção e a mudança, seja esta da qualidade que for, motivo pelo qual a participação d@s moç@s nos processos de transformação social é sempre protagónico embora não cumpra a função directiva.

De estas condições é de onde se deriva a necessidade que tem todo projecto emancipatório, e sobretudo os projectos revolucionários socialistas, de contar com a participação activa de um sector de mocidade importante. Concretamente das massas de jovens explorad@s, que contribuirão com o seu vigor ao movimento revolucionário mas que não participarão dele enquanto jovens mas enquanto trabalhadoras e trabalhadores explorad@s pelo Capital.

2.- A organização da mocidade revolucionária

As condições concretas nas que se propõem o combate contra a exploração em cada formação social obrigam a adopção de formulações organizativas específicas, genuínas e diferenciadas. O nosso caso, o galego, caracteriza-se pela concreção da opressão sob a formulação imperialista, já que galegas e galegos somos exploradas não só enquanto assalariad@s e mulheres mas também como integrantes de um povo submetido a um projecto nacional de carácter imperialista, o espanhol. Esta realidade deriva na adopção da forma de movimento de libertação nacional e social de género para o projecto político revolucionário que mediante uma insurreição operária e popular dirigida pelo proletariado realize a Revolução Socialista, cujas tarefas principais são a recuperação da independência nacional e sentar as bases para a construção de uma sociedade sem classes superadora do patriarcado.

Mas que o movimento político revolucionário adopte uma estruturação integral não implica o facto de que dito movimento não apresente uma estruturação diferenciada no seu seio para prestar atenção aos diferentes sectores implicados na luta. Ao contrário, o factor aglutinante da concreção organizativa do MLNG deve ir acompanhado pela existência de uma pluralidade de estruturas sectoriais que atendam às necessidades específicas de cada uma das lutas concretas ou dos sectores sociais que atinjam um determinado grau de maturidade e desenvolvimento autónomo, caso em que é mais que evidente que se acha a juventude.

Assim a juventude galega, mais concretamente os sectores desta mocidade que fazem parte do povo trabalhador (a sua imensa maioria), precisa dotar-se de uma estrutura organizativa própria para lutar pelas suas demandas particulares, mas sem esquecer a ligação que deve existir entre ditas demandas particulares e o projecto revolucionário geral representado pelo programa do MLNG, aplicando a lógica sintetizada na expressão "do particular ao geral".

Determina-se assim qual é a função de BRIGA no seio do MLNG, que não é mais que estruturar, consciencializar e mobilizar os sectores da mocidade trabalhadora galega objectivamente interessados na

libertação nacional e social de género, recorrendo para esta função a umha actividade que partindo das demandas básicas destes sectores juvenis mostre que a solução estrutural aos seus problemas se acha na consecução da soberania nacional e na edificação de umha sociedade livre das explorações de classe e género próprias do sistema capitalista e patriarcal, a construção do Socialismo.

3.- Eixos ideológico-políticos

A actividade desenvolvida por BRIGA sujeita-se à aplicação dos seguintes eixos básicos derivados da análise da Galiza como povo oprimido sob o sistema de dominação derivado do modo de produção capitalista.

Independência Nacional: Galiza é umha nação carente de soberania, usurpada por um estado imperialista, o espanhol, que se beneficia do submetimento nacional para favorecer a extracção da mais-valia das classes trabalhadoras galegas em benefício do bloco de classes dominante. Só com a plena liberdade nacional, isto é com a constituição de um estado galego ao exclusivo serviço das classes trabalhadoras, se poderá pôr fim à opressão e exploração do nosso país, que padecem directamente nas condições materiais de existência as classes trabalhadoras, basicamente a mocidade e as mulheres.

Socialismo: A imposição do modo de produção capitalista supom, no nosso país e no conjunto do globo, a exploração da absoluta maioria da humanidade em benefício de umha ínfima minoria para além de sujeitar a actividade productiva aos mesquinhos e irracionais interesses do enriquecimento individual. Para acabar com este *status quo* manifestamente injusto e perigoso para a supervivência da espécie é preciso a construção de um outro modo de produção baseado na socialização dos meios de produção e na sua posta ao serviço dos interesses objectivos da maioria, modo de produção que terá que trazer a definitiva abolição das diferenças sociais.

Antipatriarcado: Metade da humanidade, as mulheres, vivem submetidas à dominação da outra metade em virtude à existência do patriarcado, sistema de dominação integrado pelo capitalismo para reforçar a submissão do trabalho. Sem a desapareição do patriarcado nom será possível a edificação de umha sociedade autenticamente livre e emancipada, umha sociedade socialista.

Anti-imperialismo e Internacionalismo: A dominação de uns povos sobre outros é aproveitada pelo capital em todo o globo para reforçar os seus benefícios. Como organização anticapitalista e como parte de um povo que conhece muito bem o que supom a opressão nacional, BRIGA reconhece-se solidária com todos os povos do mundo em luta pola sua liberdade. O internacionalismo proletário forma parte do património da classe operária e dos movimentos socialista e comunista dos quais nos reclamamos e sentimos parte.

Anti-autoritarismo: A mocidade sofre de um jeito especialmente agudo, dada a situação de dependência que acompanha a sua natureza social, a imposição das mais diversas formas de autoridade irracional e ilegítima que tem como objectivo coarctar o nosso desenvolvimento como pessoas livres e autónomas. Na família e na escola, mas em geral na maioria das relações sociais que acompanham a nossa existência como moços a figura da autoridade adulta está presente para nos treinar na prática da obediência e submissão que se nos vai exigir ao longo da nossa vida. BRIGA manifesta-se contra estas formas de autoritarismo e pulará pola rebelião contra qualquer imposição que se nos imponha.

Reintegracionismo lingüístico e monolingüismo social: Umha das manifestações mais evidentes da nossa dependência nacional e o processo de aniquilamento cultural que tem a sua mais grave expressão nas agressões que sofre o nosso idioma, e que o tenham colocado em risco de desapareição. BRIGA aposta pola recuperação do nosso idioma como única língua de uso social, assim como pola reintegração do galego no tronco lingüístico que lhe é próprio, o galego-português.

Ecologismo: A lógica depredadora do sistema capitalista tem colocado a existência do próprio mundo em risco. O esbanjamento de recursos ou a poluição da atmosfera, águas e solos som a herança que o “desenvolvimento económico” capitalista lhe deixa à mocidade. Só com umha economia socialista respeitosa com o meio e que aplique critérios de sustentabilidade pode haver esperança para a humanidade.

Antimilitarismo: O sistema capitalista impom a sua dominação em toda parte sob a ameaça da força, valendo-se para isto do poder militar. A existência das guerras e dos exércitos som umha praga que a mocidade vem sofrendo com especial crueldade ao longo da história já que somos nós, os moços, quem somos recrutados e levados à morte em primeiro lugar. BRIGA manifesta a sua oposição à existência dos exércitos regulares ao serviço da burguesia e aposta pola sua absoluta desapareição começando pola reivindicação da imediata retirada das forças armadas e os corpos policiais espanhóis do território galego.

Liberdade Sexual: A lógica do sistema patriarcal impom-nos umha sexualidade cingida à heterossexualidade e à monogamia, sem responder em absoluto à natureza da sexualidade humana e colocando na base a perpetuaçom da família patriarcal como núcleo básico da sociedade capitalista. BRIGA reclama a plena liberdade de opçom sexual pulando ainda por umha igualdade total nos direitos dos casais homossexuais com os heterossexuais.

1.- A mocidade galega de começos do século XXI

O desenvolvimento de qualquer acção revolucionária, e polo geral de qualquer acção política, precisa de um conhecimento o mais profundo e correcto possível da realidade social sobre a qual se quer incidir. Lamentavelmente nom é estranho que em muitas ocasións organizaçoms que se declaram revolucionárias nom se atenham a umha análise realista adoptando interpretaçoms apriorísticas como se fossem análises tiradas da interpretação da realidade, o que indubitavelmente leva ao fracasso da acção iniciada ou quando menos a uns objectivos que nom eram os previstos. O movimento soberanista galego nom é alheio a esta problemática, e ao longo da sua história caiu mais de umha vez no erro de tomar como ponto de partida concepçoms idealistas ou parciais, afastadas do que deveria ter sido umha análise científica da realidade para propor os seus programas políticos, o qual evidentemente tem contribuído ao seu fracasso.

BRIGA nom quer abjurar de umha tradição política da qual se sente parte, mas pretende libertar-se dos seus erros para continuar a avançar e superar a situação de fraqueza que a esquerda independentista arrasta historicamente. A actividade política do independentismo socialista entre a mocidade deve partir de um conhecimento o mais profundo possível da realidade social desta, libertando-se para isso dos convencionalismos pequeno-burgueses e prejuízos que caracterizárom até o momento a maior parte das análises que sobre a mocidade galega tem elaborado o MLNG.

Hoje a mocidade galega é umha fracçom relativamente pequena da envelhecida população galega, cerca de umhas 600.000 pessoas na Comunidade Autónoma Galega (CAG) entre 15 e 29 anos para um total populacional de quase 2.700.000. A maioria destes moços residem na faixa ocidental do país, ou em áreas urbanas e semi-urbanas do interior, sendo umha ínfima minoria quem residem em zonas rurais. As tendências estruturais da evolução populacional da Galiza reflectem que a população está a concentrarse em zonas urbanas, fundamentalmente nas grandes cidades mas também nas vilas que estão crescer de um jeito espectacular em detrimento das aldeias.

Esta tendência demográfica vem acompanhada pola quebra definitiva do modelo económico tradicional baseado na pequena exploração agrária. Um dado ilumina este fenómeno: em 1950 70% da população dependia para a sua subsistência das actividades agrárias, hoje esta percentagem reduziu-se a menos do 10% e com tendência a descer. Assim a maioria da população que habita na Galiza de 2004 é assalariada, com um peso abafante dos empregados no sector serviços e na qual os trabalhadores/as industriais quase duplicam os/as empregados na agricultura e a pesca. O proletariado está constituído por mais de 164.000 trabalhadoras e trabalhadores da indústria, e 120.000 na construção, o 30% da população activa. Lonje ficam aquelas românticas imagens do nacionalismo de pré-guerra de um país de marinheiros e camponeses, hoje Galiza é um país habitado por empregados e operários.

Os moços galegos som partícipes desta realidade enquanto ao redor da metade do total som assalariados e boa parte da outra metade som estudantes filh@s dos diversos estratos que configuram o povo trabalhador. Aliás as condições nas quais se insire a mocidade no mundo laboral som as mais degradadas do conjunto dos assalariados. 70% dos moços e até 80% das moças trabalhadoras sofrem a precariedade laboral e som as vítimas principais da sinistralidade, e as cifras do desemprego juvenil superam 30%.

Esta mudança nas condições de existência supom também profundas mudanças sociológicas entre a mocidade. Umha das mais importantes, e o mais alarmante para a supervivência da Galiza como nação, é o da prática lingüística da mocidade. Paradoxalmente é a geração que por vez primeira conheceu a alfabetização na sua língua (ainda que fosse na variante ortográfica ILG-RAG e exceptuando a mocidade que habita na faixa leste) a que já é agora maioritariamente espanholfalante, cerca de 56%, especialmente importante em núcleos urbanos.

Outras mudanças sociais respeito à realidade comum a nossos país e avós afectam a questons como práticas de ócio, consumismo, sexualidade, relacionamento com o álcool e as drogas,... nas quais a mocidade galega pouco se afasta do que é comum a maioria da juventude na Europa ocidental. Hoje na agenda imediata dos moços galegos as questons prioritárias som a consecução de umha estabilidade económica que permita aceder aos bens de consumo e ócio que oferta e promove o sistema capitalista.

Em resumo, hoje a maior parte da mocidade galega é urbana ou semi-urbana, trabalha ou vai trabalhar como assalariada, sofre de um jeito muito agudo o processo de espanholização e é vítima das manifestações mais típicas da alienação ideológica capitalista.

Também nom podemos obviar que a mocidade galega apresenta sérios problemas de desestruturação orgánica. No seu seio reflectem-se de um jeito muito agravado as pautas de despolitização e desorganização que afectam ao conjunto do povo trabalhador galego. Sendo este um fenómeno facilmente perceptível por qualquer observador minimamente agudo, acha-se reflectido também nos indicadores sociais já que o próprio Instituto Galego de Estatística (IGE) recolhe que tam só 5,6% da mocidade emprega parte do seu tempo em participação de reunions e actividades voluntárias, frente a 84% que vê a diário a TV ou 70% que sai amiúde. Se temos em conta que esse 5,6% inclui os/as moços integrados em estruturas juvenis da Igreja ou outras entidades do sistema, o panorama nom pode ser mais desolador.

2.- A necessidade da auto-organização

O primeiro ponto do qual há que partir para enfrentar umha situação tam adversa como a descrita é o de organizar em estruturas de todo o tipo o maior número de moç@s das classes trabalhadoras. O individualismo é umha das principais armas ideológicas que emprega o capitalismo para desarmar quem oprime. Com ele consegue que os colectivos perdam a perspectiva da identidade grupal, da realidade da opressão colectiva. Com a estruturação da mocidade em colectivos organizados segundo a existência de interesses comuns, por parciais que estes forem, e respeitando sempre o princípio de autonomia dá-se o primeiro passo para a tomada de consciência.

Nom podemos ignorar que na actualidade boa parte do que se chama habitualmente organizações juvenis nom som tal cousa senom que se trata de umha outra categoria, à qual o próprio sistema qualifica como "entidades prestadoras de serviços à juventude". Estas "entidades" encontram-se muitas vezes sob o controlo de entidades ligadas à Igreja católica e logicamente nom respondem ao critério de autonomia que deve caracterizar umha organização juvenil, isto é umha organização soberana integrada em exclusiva por pessoas pertencentes ao sector ao qual se dirige.

Um dos nossos eixos principais de actuação será potenciar a criação e desenvolvimento do tecido associativo juvenil, pulando para que as associações de moç@s sejam germe de consciência sobre os problemas da mocidade, ferramentas de organização e mobilização, e escolas de valores éticos caracterizados pola solidariedade socialista entre tod@s @s oprimid@s.

3.- A aplicação do princípio "do particular ao geral"

A experiência tem demonstrado mil e umha vezes que a actividade política baseada em exclusiva na agitação de consignas estratégicas e mesmo de problemáticas nom excessivamente sentidas no imediato carece de utilidade prática. Por justas que forem as nossas bandeiras se nom conseguirmos contactar com as aspirações imediatas da mocidade o nosso trabalho desenvolverá-se no deserto e é completamente baldio.

Fai-se preciso aplicar umha mudança na praxe atendendo de um jeito prioritário às questões que som percebidas como candentes, como prioritárias por amplos sectores da mocidade, como melhor jeito de chamar a atençom sobre as questões estratégicas. Assim aspectos relacionados com o ócio, as drogas, a precariedade laboral ou a sexualidade devem ser a porta para introduzir-se em questões fundamentais, mas que som percebidas de um jeito difuso, tais como a exploração de classe, a opressão machista, a espanholização ou o recorte das liberdades formais e a militarização social, e no desenvolvimento do programa estratégico do MLNG.

Para levar avante de um jeito correcto esta proposta devemos libertar-nos de umha vez dos prejuízos atávicos que podamos arrastar, especialmente da tendência a abordar determinadas temáticas como a sexualidade e as drogas de umha espécie de limbo em que os aspectos realmente sentidos pola juventude som ignorados. Nengumha campanha séria sobre a questão das drogas pode evitar posicionar-se de um jeito explícito sobre a questão da legalização, que do ponto de vista de umha organização como a nossa deve ser em todo momento favorável, após o qual já se pode fazer umha análise mais profunda sobre a função que cumprem as drogas na nossa sociedade e o seu papel no processo de alienação.

Nom devemos nunca confundir o aspecto principal da contradição com o elo fraco da cadeia, o primeiro é o aspecto cuja desapareçom implica a superação da contradição, o segundo é o ponto sobre o qual há que fazer pressão para desencadear o processo que leve à superação. Nós devemos ter em conta o aspecto principal para definir objectivos estratégicos, mas ter como alvo imediato os elos fracos.

4.- A reorganização do movimento juvenil da esquerda independentista

Por mais que a adscrição a qualquer dos sectores ideológicos da esquerda independentista faça que a valorização do porquê da divisom no seio do movimento juvenil independentista varie, nom se pode obviar que na actualidade a existência de três organizações que reclamem para si o património de praticamente a mesma representatividade política resulta umha anormalidade que é preciso superar.

Nom imos ser nós quem proponhamos receitas mágicas que de cumpri-las tudo ficaria solucionado. Nom somos tam ilus@s. A realidade da coincidência do tempo de três organizações juvenis de esquerda e independentistas responde a umha série de dinâmicas políticas que superam o âmbito estritamente juvenil, e só de um processo de achegamento de posturas que vaia para além do juvenil poderá dar-se o que para nós é objectivo estratégico: a necessária confluência orgânica.

Contudo queremos tender já a mao às quais consideramos organizações do mesmo campo político-ideológico, embora tenhamos diferenças tácticas e mesmo estratégicas, manifestando desde agora que um dos objectivos principais que marcamos é o de pular pola reorganização num movimento único de toda a esquerda independentista galega e conseqüentemente pola confluência numha única organização

juvenil das três existentes na actualidade. Organização única à qual só pomos como condição o respeito pela pluralidade ideológica dentro dos parâmetros da esquerda independentista.

PROGRAMA TÁCTICO

Como corresponde à lógica do princípio do particular ao geral, BRIGA deve dotar-se de um programa tático no qual se recolham umha série de medidas aplicáveis dentro dos limites do actual sistema social, mas que incidem em determinados aspectos que supõem um indubitável achegamento aos parâmetros do socialismo.

Com isto nom se está a propor em modo qualquer umha política reformista já que estas reivindicações nom constituem os objectivos finais da nossa organização nem do MLNG, som apenas medidas provisórias ou passos intermédios, mas adoptamo-las tendo em conta que a luita por objectivos concretos imediatos é um instrumento absolutamente necessário para somar o maior número de jovens à nossa causa. A luita por reivindicações imediatas sempre tem estado presente no programa das organizações e movimentos revolucionários em toda parte, já que supõem a melhor prova de que a organização e o combate som instrumentos úteis e permitem pôr luz sobre quais som os limites do sistema à hora de garantir o "bem-estar" da maioria da população.

A realidade está em permanente mutação polo qual é lógico que o que pense e faga BRIGA, a sua prática e a teoria que a inspira, respondam a essa mudança. E se este axioma é aplicável ao conjunto da articulação teórica da qual nos dotamos, é-o muito mais no que se refere ao programa tático. A fim de contas os parâmetros ideológicos nos quais estamos situados som elementos muitíssimo mais estáveis e permanentes já que respondem a questões estruturais como som o imperialismo espanhol, o patriarcado e o modo de produção capitalista; mas o programa tático responde às manifestações concretas deste quadro estrutural que mudam de um jeito mais acelerado.

As reivindicações que aqui expomos som evidentemente ampliáveis, agora recolhemos tam só algumas dos centos que deverám fazer parte do nosso programa enquanto o desenvolvimento da nossa organização vaia avançando. Sera função de BRIGA nos próximos anos ir desenvolvendo os pontos do programa tático, ampliá-los, corregi-los e completá-los.

- Maioria de idade com plenitude de direitos aos 16 anos.
- Implantação da jornada semanal de 35 horas, proibição das horas extras e SMI nom inferior ao 80% da renda per capita nacional.
- Plena equiparação dos direitos laborais e salariais dos contratos de aprendizagem e em práticas com os ordinários.
- Penalização da contratação temporária.
- Equiparação salarial entre homens e mulheres.
- Promoção do acesso subsidiado a habitação pública em regime de aluguer com opção de compra para a juventude.
- Fixação legal do preço máximo dos alugueres revisável por quinquénios.
- Legalização do aborto e cobertura plena pela saúde pública de jeito gratuito.
- Gratuidade dos anticoncepcionais.
- Implantação da disciplina de educação sexual na educação primária e secundária e desenvolvimento de programas públicos de informação e educação.
- Estabelecimento de espaços de acesso público e gratuito para que @s moç@s podam manter relações sexuais.
- Gratuidade absoluta do ensino em todos os seu níveis, abarcando nom apenas a matrícula mas também material e livros, assim como deslocamento e habitação quando for preciso.
- Galeguização plena do sistema educativo, tanto no relativo ao idioma empregado nas disciplinas quanto ao conteúdo dos programas.
- Legalização completa das drogas.
- Desenvolvimento de programas de informação e educação sobre as drogas dirigidos à mocidade.
- Cobertura pela saúde pública dos programas de desintoxicação.
- Abertura e dotação infraestrutural de locais e instalações públicas destinadas ao ócio, o lazer e o desporto.
- Desenvolvimento de programas públicos destinados ao lazer juvenil e ao fomento do associacionismo.

TESE ORGANIZATIVA-ESTATUTOS

Da organização e o âmbito de actuação

Art. 1.- BRIGA é umha organização política juvenil revolucionária do independentismo socialista galego enquadrada no seio do MLNG. Os seus objectivos som a auto-organização dos sectores operários e populares da mocidade galega e a sua incorporação ao processo de libertação nacional e social de género da Galiza.

Art. 2.- BRIGA tem como âmbito de actuação exclusivo o sector social da mocidade no território nacional galego (incluindo neste as comarcas sob outras administrações diferentes à CAG) e lá onde existam comunidades de emigrantes.

Da militância

Art. 3.- Pode ser militante de BRIGA tod@ aquele/a moç@ que manifestar estar de acordo com os princípios ideológicos básicos e assim o solicitar diante de qualquer estrutura da organização. Nom há mínimo de idade, e o máximo som os 29 anos.

@ militante integrará-se preferentemente no Grupo de Base radicado no lugar mais próximo à sua morada, de nom poder ser assim o Mesa Nacional estabelecerá as condições materiais para facilitar a participação da militância na actividade da organização.

Art. 4.- Direitos da militância:

- Participar com voz e voto nos organismos de que formar parte.
- Eleger e ser eleit@ para os órgãos de direcção e cargos de responsabilidade.
- Receber apoio da organização no caso de repressão derivada da sua actividade política no MLNG.
- Receber informação respeito à actividade da organização.
- Ser escutad@ no caso da adopção de umha medida disciplinar.
- Practicar a crítica e autocritica como modo de dar a conhecer a sua opinião.

Art. 5.- Deveres da militância:

- Pagar as quotas que se acordarem.
- Contribuir ao êxito das linhas de actuação decididas pola organização.
- Ser coerente na vida quotidiana com os princípios ideológicos da organização.
- Utilizar e fomentar o galego como língua veicular tanto na vida pública quanto na privada.
- Empregar e fomentar a linguagem nom sexista tanto na vida pública quanto na privada
- Cumprir com as responsabilidades que lhe forem encomendadas.

Art. 6.- O incumprimento dos deveres da militância poderá ser causa de sanção atendendo ao critério de proporcionalidade: a faltas leves, sanções leves; a faltas graves, sanções graves.

As sanções poderám ir do apercebimento oral até a expulsão da organização, correspondendo a tomada da decisom ao organismo do que faga parte @ militante, podendo ser apelada a decisom ao organismo superior até chegar ao Congresso Nacional, cuja decisom será inapelável.

Art. 7.- A perda da condição de militante poderá produzir-se como causa de umha sanção, polo impago de mais de cinco quotas ou a petição própria, devendo informar ao organismo de que se faga parte.

Da estrutura organizativa

Art. 8.- BRIGA estrutura-se em dous níveis organizativos principais, nacional e de base, sem prejuízo de que tanto as estruturas nacionais quanto as de base adoptem algumha outra estratificação para adequar-se às necessidades particulares.

Art. 9.- A estrutura de base constitui-a o Grupo de Base integrado pol@s militantes de um âmbito geográfico restrito (local ou comarcal).

Para constituir um Grupo de Base som precisos três ou mais militantes.

Cada Grupo de Base elegerá um/ha representante que fará parte de pleno direito da Mesa Nacional.

No caso do Grupo de Base atingir um desenvolvimento que faga precisa umha adequação organizativa esta deverá ser ratificada polo Mesa Nacional.

Art. 10.- A estrutura nacional integra e afecta ao conjunto da organização e nela recolhem-se dous órgãos de decisom, o Congresso Nacional e Mesa Nacional.

Art. 11.- O Congresso Nacional é o máximo órgão de decisom da organização. Dele fam parte de pleno direito tod@s @s militantes dad@s de alta antes da data da sua convocatória.

A convocatória do Congresso Nacional fará-se de jeito ordinário polo Mesa Nacional com umha antecedência mínima de três meses respeito à sua celebração. De jeito extraordinário poderá ser convocada por 3/4 da filiação ou a metade mais um das comarcas, sendo obrigatória a sua celebração dous meses após a tomada da decisom.

O Congresso Nacional celebrará-se de jeito ordinário cada dous anos, tendo como função a adequação das linhas políticas gerais e a anovação dos níveis de direcção.

Art. 12.- A Mesa Nacional é o órgão de direcção política da organização no nível nacional entre a celebração de dous Congressos Nacionais.

Integram o Mesa Nacional @s representantes dos Grupos de Base, a Responsável Nacional da Mulher e quatro membros eleitos no Congresso Nacional que cobrirão os cargos de Responsável de Organização, Responsável de Finanças, Responsável de Comunicação e Responsável de Publicações e Internet.

- @ Responsável de Organização presidirá as reuniões da Mesa Nacional, levantará acta de estas e encarregará-se da coordenação diária de todos os aspectos atingentes ao funcionamento ordinário da organização no nível nacional.

- @ Responsável de Finanças encarregará-se de vigiar pelo saneamento das arcas da organização, velará pelo pagamento das quotas, coordenará as iniciativas destinadas à recolha de fundos e levará a contabilidade da organização sendo responsável diante da Mesa Nacional e do Congresso Nacional.

- @ Responsável de Comunicação será @ encarregada de transmitir as posições da organização na relação com os meios de comunicação e procurar a maior difusão dos posicionamentos de BRIGA na rede.

- @ Responsável de Publicações e Internet encarregará-se da edição das publicações nacionais da organização assim como da manutenção da página web nacional.

- A Responsável da Mulher será a encarregada de potenciar a luta feminista no seio de BRIGA e garantir o cumprimento da estratégia antipatriarcal da Organização.

Art. 13.- A Mesa nacional poderá criar as comissões que considerar oportunas sempre que as condições assim o permitirem.

Da tomada de decisões

Art. 14.- As decisões tomarão-se preferentemente por consenso, de não ser possível a decisão será tomada por maioria simples (mais votos favoráveis que contrários) excepto no caso da modificação de estatutos que precisará de uma maioria qualificada de 2/3 d@s assistentes ao Congresso Nacional.

Dos símbolos, a língua e o vozeiro

Art. 15.- O símbolo de BRIGA é o nome da organização em traços pretos com uma estrela vermelha aberta pela parte superior colocada em baixo do A.

Também se adoptam como próprios a bandeira da Galiza, -pano branco com uma faixa azul celeste descendente do canto esquerdo superior ao canto direito em cujo centro se superpõem uma estrela vermelha de cinco pontas; assim como a bandeira com o escudo nacional desenhado por Castela, a bandeira vermelha, símbolo do movimento socialista mundial, e a bandeira lilás, símbolo internacional do feminismo.

Art. 16.- BRIGA adopta como próprios o Hino Nacional da Galiza e a Internacional.

Art. 17.- BRIGA tem como única língua de uso tanto na sua comunicação interna quanto externa a língua nacional da Galiza, o galego, conhecida internacionalmente por português, utilizando o padrão normativo reintegracionista estabelecido pela AGAL.

Estabelece aliás, a utilização em todo o momento de uma linguagem não sexista.

Art. 18.- O vozeiro nacional chama-se XERFAS. Fica responsabilizada pela sua edição a Mesa Nacional.